

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE ENFERMAGEM**

Mariana Miranda Da Costa

**OBSTRUÇÃO DAS VIAS AÉREAS EM LACTENTES: UMA
REVISÃO NO GOOGLE ACADÊMICO**

**CEILÂNDIA-DF
2019**

MARIANA MIRANDA DA COSTA

**OBSTRUÇÃO DAS VIAS AÉREAS EM LACTENTES: UMA REVISÃO NO
GOOGLE ACADÊMICO**

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2 como requisito parcial para obtenção do título de enfermeiro da Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Laiane Medeiros Ribeiro

Aprovado em : __/__/__

BANCA EXAMINADORA:

Profa.Dra.Laiane Medeiros Ribeiro
Presidente de Banca

Rayanne Augusta Parente Paula
Membro efetivo

Danielle da Silva Fernandes
Membro efetivo

Alecssandra de Fátima Silva Viduedo
Membro suplente

CEILÂNDIA-DF

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Justiniano de Miranda, que desde de cedo lutou para que eu pudesse ter condições de concluir meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus e a Nossa Senhora das Graças, por sempre ter caminhado ao meu lado, por colocar palavras de sabedoria no meu dia a dia, por ser meu alicerce e proteção e por colocar um sentimento de esperança em meu coração diante das dificuldades.

Aos meu pais, Maria e Alderico por sempre acreditaram no meu potencial, e mesmo diante das aprovações do dia a dia fizeram de tudo para que eu frequentasse a universidade e para que eu não desanimasse.

Á minha irmã, Danielle Miranda que me ajudou durante a graduação.

Ao meu noivo Marcos Aurélio, pela paciência, amor e companheirismo durante todos esses anos.

Aos meus padrinhos Homero e Rosana, por ajudar-me a trilhar a caminhada da graduação.

Á minha amiga Vanessa Callai, que nossa amizade seja sempre produtiva e leve, que o caminho da vida possa nos manter sempre unidas e que sejamos profissionais para fazer a enfermagem melhor, para que possamos fazer diferença na vida dos pacientes.

Á Prof.^a Dr.^a Marcia Magro que acreditou no meu potencial como enfermeira. Deixo uma palavra de gratidão, pois sem sua confiança e ensinamentos não teria adquirido as experiências necessárias para a profissão.

A minha orientadora Dr.^a Laiane Medeiros, deixo minha palavra de gratidão pela paciência, cuidado e zelo durante a orientação, de um estudo importante para a conclusão da graduação.

A banca examinadora, por tornar esse momento possível.

RESUMO

Introdução: A aspiração de um corpo estranho é uma causa importante e prevenível de morbidade e mortalidade na infância principalmente em crianças menores de três anos, ela ocupa um dos primeiros lugares nas injúrias não intencionas do ambiente. Diante do exposto a presente pesquisa é justificada pela importância de se realizar um levantamento, de dados para se obter a real produção de evidências, sobre o assunto no *google* acadêmico, uma vez que é uma ferramenta bastante consultada para pesquisa por profissionais que trabalham na assistência. **Objetivo:** Analisar a produção referente a obstrução das vias aéreas em lactentes associado ao engasgo. Trata-se de uma Revisão integrativa realizado a partir do site de busca Google Acadêmico. O período para a busca dos artigos foi 2012 a 2017. Os critérios de inclusão foram: artigos em português e que possuíam os descritores “engasgo” e “lactente”. **Resultados:** A amostra inicial foi de 320 artigos. Após leitura foram selecionados 24 artigos que possuem diversidade no tema sendo que o engasgo é citado em emergências clínicas com profissionais em regime de plantão. E em alguns outros e engasgo é citado como receio do responsável mediante a alimentação do lactente. **Conclusão:** É fundamental que se construa um processo de sensibilização dos estudantes e profissionais, em relação ao engasgo em lactente como acidente doméstico, para que seja passado a conhecimento da desobstrução das vias aéreas e a quem recorrer caso o ele ocorra.

Descritores: Lactente; Engasgo; acidente doméstico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MÉTODOS	10
2.1 Escolha do tema e levantamento da questão norteadora	10
2.2 Estabelecimento da amostra através dos critérios de inclusão e exclusão	10
2.3 Análise dos artigos selecionados	11
2.4 Avaliação dos estudos incluídos na Revisão	11
2.5 Interpretação dos resultados	11
Apresentação da Revisão integrativa.....	11
RESULTADOS:	12
1.1 Fluxograma.....	12
1.2 Quadro de artigos	13
DISCUSSÃO	24
<i>Categoria: Suporte básico de vida:</i>	<i>25</i>
<i>Categoria: Conhecimento materno ou dos responsáveis:.....</i>	<i>26</i>
<i>Categoria: Conhecimento dos profissionais de saúde:</i>	<i>29</i>
<i>Categoria: Contexto alimentar :</i>	<i>33</i>
<i>Categoria : Relacionado ao processo de deglutição :</i>	<i>37</i>
CONCLUSÃO:.....	42
REFERÊNCIAS:	43

Introdução

A aspiração de um corpo estranho é uma causa importante e prevenível de morbidade e mortalidade na infância principalmente em crianças menores de três anos, ela ocupa um dos primeiros lugares nas injúrias não intencionas do ambiente, sendo necessário que haja a orientação de um profissional de saúde quanto à importância do reconhecimento dos sinais e sintomas que a criança apresenta quando está sufocada (NEVES,2009). A maioria dos episódios de sufocamento ocorre sob a supervisão de adultos, o que sugere que os pais e cuidadores da criança não reconhecem adequadamente situações de risco e objetos perigosos (RODRIGUEZ,2017).

De acordo com a Diretriz da American Heart Association o engasgo pode ser classificado como parcial e total, no parcial o lactente apresenta sinais de agitação, tosse, choro e taquipneia. Já no engasgo total o lactente apresenta sinais totalmente ao contrário, ele não consegue tossir ou chorar, apresenta cianose nos lábios e fica hipotônico (GUIDELINES,2010)

Em 2015 no Brasil a aspiração de corpos estranhos ocupou o 10 ° lugar como uma das principais causas de mortalidade por 1.000 nascidos vivos (NV) em menores de 5 anos, tendo um total de 806 óbitos, corresponde a uma taxa de 0.27/1000 nascidos vivos (NV). No Distrito Federal ocorreram 7 óbitos em bebês e crianças da mesma faixa etária do mesmo ano (FRANCA,2017).

A maioria dos corpos estranhos (CE) que são aspirados são orgânicos. Os alimentos respondem por 60% a 80% das CE nas vias aéreas em crianças. Os mais comuns são sementes e nozes (principalmente sementes de girassol e amendoim). Em relação aos objetos, partes de canetas e brinquedos são os mais prevalentes (RODRIGUEZ,2017).

O engasgo pode ser classificado como um acidente, qualquer objeto ou material pode-se tornar um corpo estranho e quando aspirado, o engasgo é a maior suspeita de que o acidente ocorreu, sendo assim é necessário o rápido reconhecimento, através do Suporte Básico de Vida (XAVIER,2013).

O Suporte Básico de Vida (SBV) visa o reconhecimento e o atendimento de situações de emergência como obstrução da via aérea. A abordagem inicial por estas manobras tem como objetivo instituir condições mínimas necessárias para a manutenção ou recuperação da perfusão cerebral, já que a viabilidade neurológica que define o prognóstico da vítima. Pode ser realizado por profissionais e leigos (MARTINS,2008).

Genericamente, a prevenção de acidentes passa por estratégias implementadas em três níveis: a melhoria da legislação que visa a proteção da criança promovendo comportamentos seguros; a formação dirigida a profissionais de saúde e todos aqueles que trabalhem diretamente com a comunidade; a educação da população em geral com intervenções informativas sobre segurança junto das crianças e cuidadores recorrendo, por exemplo: à comunicação social e implementado ações formativas dentro da comunidade (MICHAEL,2013).

A presente pesquisa é justificada pela importância de se realizar um levantamento de dados para se obter a real produção de evidências sobre o assunto o real conhecimento e a magnitude do problema, conscientizando assim os acadêmicos de enfermagem que serão futuros profissionais de saúde sobre os risco, gerando assim um comprometimento tanto na promoção quanto na prevenção do engasgo podendo reduzir a incidência de morbidade e mortalidade relacionado a aspiração do corpo estranho como acidente doméstico.

Diante do exposto esse trabalho tem como objetivo analisar a produção referente a obstrução das vias aéreas em lactentes associado ao engasgo no *Google Acadêmico*.

MÉTODOS

A Revisão Integrativa é compreendida como um dos métodos de pesquisa provocada pela prática baseada em evidência (PBE), na qual abrange um problema, a busca e a ponderação crítica sobre o resultado alcançado. Desta forma, a Revisão Integrativa proporciona a síntese dos resultados sobre uma determinada questão a fim de aprimorar a qualidade da prática clínica (MENDES,2008).

Conforme Esclarecido por Mendes et al (2008) para o desenvolvimento do trabalho seguiram-se as etapas:

2.1 Escolha do tema e levantamento da questão norteadora

O levantamento do tema, se deu mediante ao um olhar crítico, diante de muitas reportagens sobre lactentes que precisavam de primeiros socorros e os pais ou responsáveis não sabiam como agir, sendo assim se obteve uma curiosidade sobre como prevenir o acidente doméstico, como promover um atendimento adequado, caso ele ocorra e se tem estudos bibliográficos que tratam a importância do tema, principalmente em questões de promoção e prevenção.

Para nortear a presente revisão, foi formulada a seguinte questão: Qual evidência na literatura nacional sobre a obstrução das vias aéreas em lactentes associado ao engasgo?

2.2 Estabelecimento da amostra através dos critérios de inclusão e exclusão

O período para a busca dos artigos foi 2012 a 2017. Os critérios de inclusão foram: artigos em português, que estejam no *Google Acadêmico* e que possuíssem os descritores engasgo e lactente.

A amostra inicial foi de 320 artigos distribuídos no *Google Acadêmico*. Após leitura foram selecionados 24, para análise final que possuíam os descritores estabelecidos, e 296 foram excluídos.

Os critérios de exclusão foram: citação, atlas, banner, trabalhos apresentados em congresso, curso, diretriz, dissertação, texto de especialização, guia, livros, manuais, monografias, protocolos, relatórios de estágio, resumos, revistas, teses, trabalhos de conclusão de curso, artigos que não foram publicados em revista e os que não tinham relação com o tema da pesquisa e por final estudos que não abrangiam do período de busca.

2.3 Análise dos artigos selecionados

As informações coletadas nos artigos selecionados foram avaliadas de maneira sistemática. Desta maneira, através de um quadro (Quadro 1), contendo as seguintes informações: Autor e ano de publicação, objetivo, método, grupos de resultado e limitações, foi possível interpretar, sintetizar e concluir os dados.

Os detalhes sobre os artigos selecionados estão descritos no fluxograma (Ilustração 1) nos resultados.

2.4 Avaliação dos estudos incluídos na Revisão

Os artigos devem ser avaliados detalhadamente, por dois pesquisadores distintos, garantindo a integridade pesquisa. Dentro desta avaliação crítica pode-se averiguar se a pergunta norteadora é respondida, se a metodologia do estudo está adequada, se os resultados obtidos coincidem com os encontrados nas bases de dados, entre outros.

2.5 Interpretação dos resultados

É determinada pela discussão de todos os resultados obtidos na pesquisa, desta forma o pesquisador irá realizar uma comparação com o conhecimento teórico existente, assim como as implicações da Revisão bibliográfica.

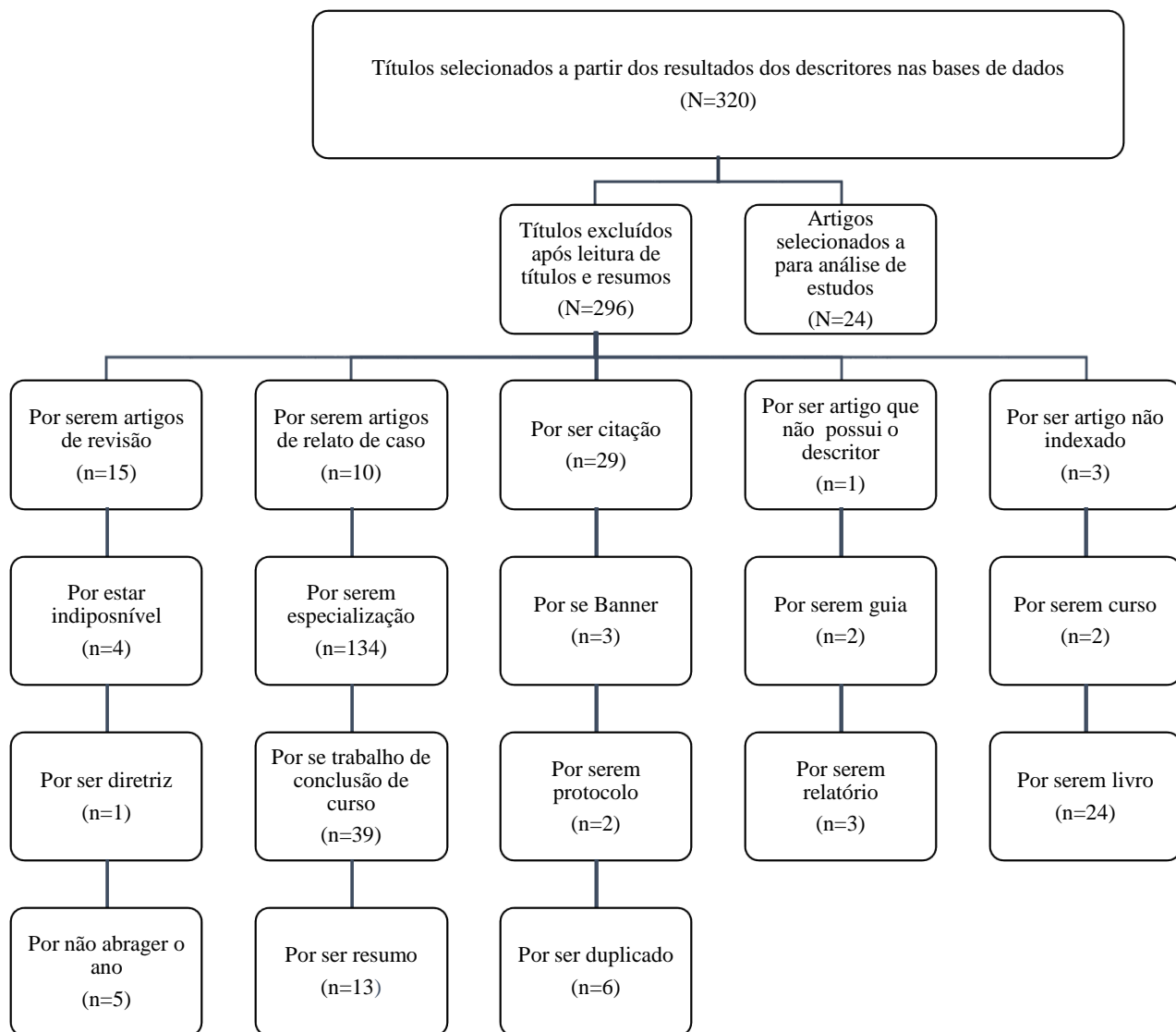
Apresentação da Revisão integrativa

As aplicações dos artigos, foram realizadas de forma descritiva, reunindo todas as informações relevantes do artigo para análise, possibilitando ao leitor uma leitura rápida, objetiva e detalhada sobre o artigo.

RESULTADOS:

1.1 Fluxograma

Ilustração 1 : Títulos excluídos.



Fonte : Elaborado pela autora.

1.2 Quadro de artigos

Quadro 1: Amostra final dos artigos

Autor e ano da publicação	Objetivo	Método	Resultado e limitações	Conclusão dos dados
Barbosa et al 2014	Determinar a ocorrência de sinais clínicos de disfagia em lactentes com bronquiolite viral aguda e comparar os parâmetros respiratórios.	Estudo transversal, com 42 lactentes, entre zero e 12 meses. O nível de significância utilizado foi $p < 0,05$.	Houve aumento significativo da frequência respiratória entre o momento pré e pós-alimentação, e quase metade dos lactentes apresentou taquipneia.	Lactentes com bronquiolite viral aguda apresentaram alterações de deglutição, acrescidas de mudanças na frequência respiratória e nas medidas das taxas de saturação de oxigênio. Sugere-se, assim, risco para a disfagia.
Galego et al 2012	Comparar a utilização do copo Suzana® ao copo descartável e identificar a eficácia de ambos durante o oferecimento da dieta a lactentes.	Participaram do estudo 20 lactentes a termo, ambos os gêneros, com até cinco dias de vida, em alojamento conjunto de um Hospital Maternidade filantrópico.	Pôde-se observar, diante dos dados coletados, que o copo Suzana® foi mais favorável à alimentação dos lactentes, pois com ele o escape de leite foi menor, não ocorreram engasgos ou aspirações, os	Concluiu-se, portanto, que o copo Suzana® foi mais favorável ao lactente que necessitou de tal método quando comparado ao uso do copo descartável, utilizado largamente nos hospitais em todo o Brasil.

			<p>sinais de estresse apresentados pelos bebês foram reduzidos.</p>	
Soares et al 2015	<p>Avaliar o conhecimento e a prática de pediatras brasileiros na assistência ao lactente com refluxo fisiológico e doença do refluxo gastroesofágico.</p>	<p>Foram entrevistados 140 médicos pediatras em dois eventos científicos em 2009 e 2010. As perguntas referiam-se a dois casos clínicos de lactentes, um com quadro compatível com regurgitação do lactente (refluxo fisiológico) e outro com doença do refluxo gastroesofágico</p>	<p>Dos 140 participantes, 11,4% (n=16) e 62,1% (n=87) solicitariam exame para lactentes, respectivamente, com refluxo fisiológico e doença do refluxo gastroesofágico.</p>	<p>Conduas diferentes das diretrizes internacionais são frequentemente consideradas adequadas, especialmente quanto à recomendação de posição diferente do decúbito dorsal e prescrição de medicamentos.</p>
Galvão et al 2015	<p>Conhecer as intervenções não farmacológicas da redução de dor</p>	<p>Estudo descritivo exploratório segunda a metodologia qualitativa com 17 enfermeiros.</p>	<p>Das estratégias utilizadas emergiam duas categorias: medidas de conforto e aspecto técnicos. Quando os</p>	<p>Os enfermeiros estão despertos para utilização de estratégias não farmacológicas de redução da dor na vacinação. Porém, nas</p>

	utilizadas pelos enfermeiros na vacinação de lactentes.	Colheram-se dados por entrevista semiestruturada.	enfermeiros vacinam as crianças amamentadas, a amamentação durante a vacinação acontece se solicitada pela mãe. Alguns enfermeiros não adotam por receio de engasgo.	crianças amamentadas na generalidade, não utilizam a amamentação.
César et al 2013	Avaliou-se o conhecimento materno sobre a posição do bebê dormir após campanha nacional.	Aplicou-se questionário padronizado às mães que tiveram filho em 2010 em Rio Grande, RS.	Dentre as 2395 mães entrevistadas, 20% referiram conforme campanha o decúbito dorsal como a melhor posição para o bebê dormir. Destas, 39% disseram ter obtido este conhecimento junto à campanha nacional. Dentre aquelas que indicaram o decúbito lateral como posição correta, 74%	Evidencia-se potencial impacto da campanha nacional e importante influência da avó materna sobre a opinião das mães em colocar o bebê para dormir em decúbito dorsal.

			disseram ter aprendido com suas mães.	
Neto et al 2015	Identificar o conhecimento de enfermeiros acerca da amamentação de recém-nascidos com fissura labiopalatina.	Pesquisa transversal, com enfermeiros egressos de duas universidades brasileiras.	De 13 enfermeiros, todos relataram ausência de aprendizado sobre aleitamento materno para lactentes com fissura labiopalatina.	Urge ampliar o conteúdo ofertado durante a graduação acerca das necessidades dos recém-nascidos com fissuras labiopalatina, a fim de melhorar o entendimento do processo de cuidar
Munhoz et al 2015	Verificar a acurácia da avaliação clínica da deglutição comparada à videofluoroscopia na detecção de penetração laríngea isolada e aspiração laríngea em crianças com suspeita de disfagia	Análise retrospectiva de dados de avaliações clínicas e videofluoroscópicas realizadas em 55 crianças de 1 mês a 7 anos e 11 meses de idade.	A avaliação clínica apresentou, no geral, sensibilidade de 86% e especificidade de 32%.	A avaliação clínica foi sensível para detectar penetração laríngea isolada e aspiração laríngea em crianças com suspeita de disfagia, porém, apresentou baixa especificidade. O engasgo foi o único sinal clínico associado à penetração laríngea isolada com líquido fino.

Silva et al 2015	Identificar as orientações recebidas por mães de crianças com fissura labiopalatinas.	Trata-se de um estudo de corte transversal descritivo conduzido com 100 mães de crianças com fissuras labiopalatinas	Os médicos e enfermeiros foram os profissionais que mais realizaram orientações às mães de crianças com fissura labiopalatina.	Destacamos que é fundamental que essas orientações sejam embasadas em evidências científicas.
Brusco; Delgado 2017	Caracterizar o desenvolvimento da alimentação de um grupo de prematuros, entre três e 12 meses, nascidos em Canoas/RS.	Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo e transversal	Constatou-se que o aleitamento materno exclusivo foi realizado por apenas 37,5% (N=12) crianças e a média de duração foi de 31 dias.	Constatou-se que o aleitamento materno exclusivo foi pouco praticado na população avaliada.
Gonçalves ; Cadete 2015	A pesquisa buscou identificar o índice de aleitamento materno exclusivo (AME) e alimentação complementar	Estudo realizado em dez unidades básicas de saúde do município, cuja coleta de dados se fez por meio de questionário composto de 55 questões.	O índice de AME no município foi de 30%, exigindo o desenvolvimento de atividades, programas ou serviço de promoção, apoio e aconselhamento em AM.	A introdução de precoce de alimentos não recomendados para a idade favorece o desmame precoce.

	adotada em menores de um ano.			
Yamamoto et al 2017	Investigar o Schedule Oral Motor Assessment (SOMA) para utilização com recém-nascidos pré-termo, e comparar seus resultados com o Preterm Oral Feeding Readiness Scale (POFRAS) na liberação da alimentação por via oral.	Trabalho de caráter transversal e quantitativo.	Todos 10 recém-nascidos pré-termo que apresentaram prontidão para alimentação por via oral tinham função motora oral normal, e, os 16 que apresentaram disfunção motora oral, esses não apresentavam prontidão para a mamada ($p < 0,05$).	Estes resultados sugerem que o SOMA pode ser um método complementar para avaliação da função oral-motora no momento da liberação da via oral de recém-nascido pré-termo.
Dixe ; Gomes 2015	Avaliar o nível de conhecimento da população portuguesa sobre suporte básico de vida.	Realizou-se um estudo observacional do tipo descritivo, correlacionado.	Dos 754 homens e 943 mulheres, apenas 17,8% (303) frequentou um curso sobre SBV, mas 95,6%	Os níveis de conhecimento da população portuguesa são baixos, mas as pessoas estão disponíveis para formação, sendo importante desenvolver cursos de formação e treino para melhorar os seus conhecimentos.

			manifestou disponibilidade para realizar a formação.	
Menezes ; Andrade 2014	Descrever as alterações funcionais da deglutição em bebês de risco para o desenvolvimento neuropsicomotor.	Utilizou-se estudo do tipo individuado, observacional e referência temporal transversal.	Dentre os resultados, verificou-se que todos os bebês apresentaram alterações funcionais na sequência da deglutição.	Existe uma associação entre os fatores de riscos para o desenvolvimento neuropsicomotor e as alterações funcionais da deglutição.
Lima et al 2014	Analisar as representações sociais de mães adolescentes sobre as práticas alimentares do filho no primeiro ano de vida.	Trata-se de pesquisa qualitativa exploratória	Dessa análise, emergiram quatro temas: conflito do amamentar versus consagração do mingau; estabelecendo a alimentação complementar do filho; discurso cristalizado: "danoninho vale mais que um bifinho"; a (in)definição dos hábitos alimentares maternos: implicações para a alimentação infantil.	As representações que conduzem as práticas maternas na escolha, preparo e oferta dos alimentos seguem uma lógica particular, onde as adolescentes reinterpretem os discursos técnicos nos termos da sua cultura.

Medeiros et al 2017	Verificar a situação do aleitamento materno, considerando aspectos da díade mãe-recém-nascido, de acordo com tempo de vida do recém-nascido, mediante intervenção fonoaudiológica.	Estudo realizado de maio de 2015 a setembro de 2016, com 166 díades mãe-recém-nascido, durante a situação do aleitamento materno.	Em relação ao efeito da intervenção fonoaudiológica, houve diferença significativa quanto aos parâmetros maternos, para situação das mamas (ingurgitamento).	A intervenção fonoaudiológica junto às díades mães-recém-nascidos, logo nas primeiras horas pós-parto, evidenciou melhora nos parâmetros considerados fundamentais para o sucesso da amamentação.
Popoaski et al 2012	Avaliar a qualidade de vida do respirador oral, comparando-a com não respiradores orais.	Estudo transversal descritivo.	Os respiradores orais apresentaram mais problemas nasais, com o sono e alimentares, além de uma maior pontuação média para roncar à noite.	A Síndrome do Respirador Oral parece estar relacionada a um impacto negativo na qualidade de vida, principalmente no que se refere aos problemas nasais, com o sono e alimentação.
Schaurich ; Delgado 2014	Caracterizar a alimentação de crianças entre seis e	Estudo descritivo e transversal.	Verificou-se que 86% das crianças receberam aleitamento materno	Constatou-se que tanto a prática do aleitamento materno exclusivo quanto

	24 meses de município do RS.		exclusivo com duração média de três meses e meio.	complementado se dá em período menor que o recomendado.
Lopes et al 2015	Analisar a amamentação em prematuros relacionando as características do binômio mãe-filho e a autoeficácia materna.	Estudo do tipo transversal, descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa	10 (47,6%) eram adolescentes, 11 (52,4%) solteiras, 10 (47,6%) com baixo nível de escolaridade, 10 (47,6%) com renda baixa, 12 (57%) não possuíam vínculo empregatício.	As mães do estudo mostraram-se com alta eficácia em amamentar seus filhos prematuros. Entretanto, na observação da técnica da mamada, esta se apresentou ineficaz.
Schmidt et al 2013	Identificar as estratégias utilizadas pela equipe de enfermagem atuante na unidade neonatal de um hospital-escola.	Estudo descritivo, com abordagem qualitativa.	A principal estratégia referida pelos profissionais foi a inserção precoce da família no processo de cuidar; a dificuldade destacada foi a ausência dos pais durante a internação do filho.	As potencialidades e limitações apontadas por este estudo revelaram que o processo da assistência é dinâmico.

Silva et al 2017	Analisar os fatores determinantes para ocorrência de acidentes domésticos na primeira infância.	Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, transversal.	Em relação aos fatores intrapessoais para ocorrência de acidentes domésticos, os pré-escolares foram as principais vítimas (57,2%).	O pré-escolar do sexo masculino é a principal vítima de acidentes domésticos e são incipientes as orientações de pais e cuidadores sobre a prevenção de acidentes na infância.
Burgemeister ; Sebastião 2013	Identificar os procedimentos utilizados por profissionais de UTI neonatal na alimentação de RNs por meio do copo.	Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 auxiliares de enfermagem de UTI Neonatal.	De forma geral, os profissionais executavam a técnica de forma satisfatória. O problema mais frequentemente observado foi o posicionamento do copo ao ofertar o leite ao RN.	As dificuldades e dúvidas observadas nos relatos dos profissionais sobre o uso desta técnica reiteram a necessidade de ações educativas.
Vidal ; Nogueira 2015	Discutir o papel da Puericultura na promoção do aleitamento materno a partir da percepção das mães.	Pesquisa qualitativa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com vinte mães de crianças no primeiro ano de vida.	A autonomia no processo de amamentação encontrou-se relacionada à experiência prévia das mães e ao apoio dos familiares e dos profissionais de saúde.	O cuidado na Puericultura configurou-se como uma oportunidade valiosa para o incentivo ao aleitamento materno e promoção da saúde da criança.

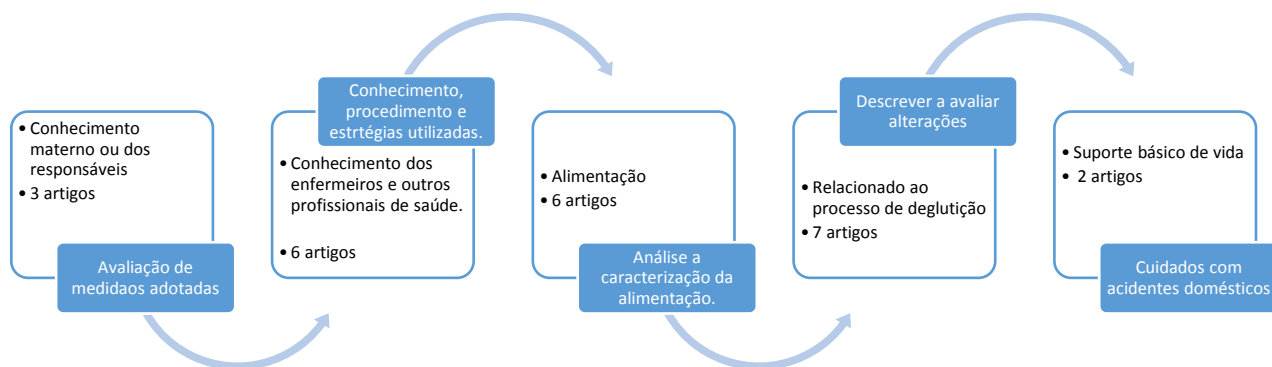
Araújo ; Silva 2013	Descrever a avaliação nutricional de crianças com paralisia cerebral.	Corte transversal de 187 indivíduos com paralisia cerebral.	A maioria dos indivíduos comprometidos com disfagia, infecções respiratórias de repetição e constipação intestinal encontrava-se abaixo do percentil 50.	As manifestações digestórias foram encontradas principalmente naqueles indivíduos cujas medidas antropométricas encontram-se abaixo do percentil 50.
Moreira et al 20197	Avaliar a técnica sonda-dedo em comparação com o copo no início da transição alimentar do prematuro.	Estudo experimental, randomizado, não cego	O grupo experimental apresentou em relação ao grupo controle diferença significativa quanto a menor perda de leite, maior tempo de dieta e menor frequência de complicações.	A técnica sonda-dedo mostrou-se um método opcional de transição alimentar superior em sua eficiência quanto a menor perda de leite e menor incidência de complicações

Fonte : Elaborado pela autora.

DISCUSSÃO

Os estudos foram categorizados, em temáticas para subsidiar a discussão e facilitar o entendimento do assunto. Foram definidas as seguintes categorias: Suporte básico de vida; Conhecimento materno ou dos responsáveis; Conhecimento dos enfermeiros e outros profissionais de saúde; Estudos relacionados o contexto alimentar; relacionado ao processo de deglutição (Ilustração 2). A avaliação dos estudos foram realizada, mediante o agrupamento das semelhanças dos estudos, que culminaram com as categorias acima citadas. Elas foram escolhidas após a leitura minuciosa de cada estudo e da constatação de que possui uma diversidade dos estudos encontrados em diferentes áreas e que os objetivos não são específicos para o engasgo, porém o tema aparece relacionado aos estudos.

Ilustração 2 - Definição das categorias temáticas



Fonte : Elaborado pela autora.

Categoria: Suporte básico de vida:

Silva (2015), buscou analisar os fatores determinantes para ocorrência de acidentes domésticos na primeira infância. Através de um estudo exploratório e descritivo, transversal. Participaram da pesquisa 21 cuidadores de crianças que estiveram internadas durante o período de janeiro a março de 2016 nas unidades pediátricas do Hospital de Urgência de Teresina. Quanto à caracterização do cuidado prestado por estas cuidadoras às vítimas de acidentes domésticos, observa-se que, no que diz respeito à classificação, o tipo de cuidador mais encontrado foi a mãe (95,2%).

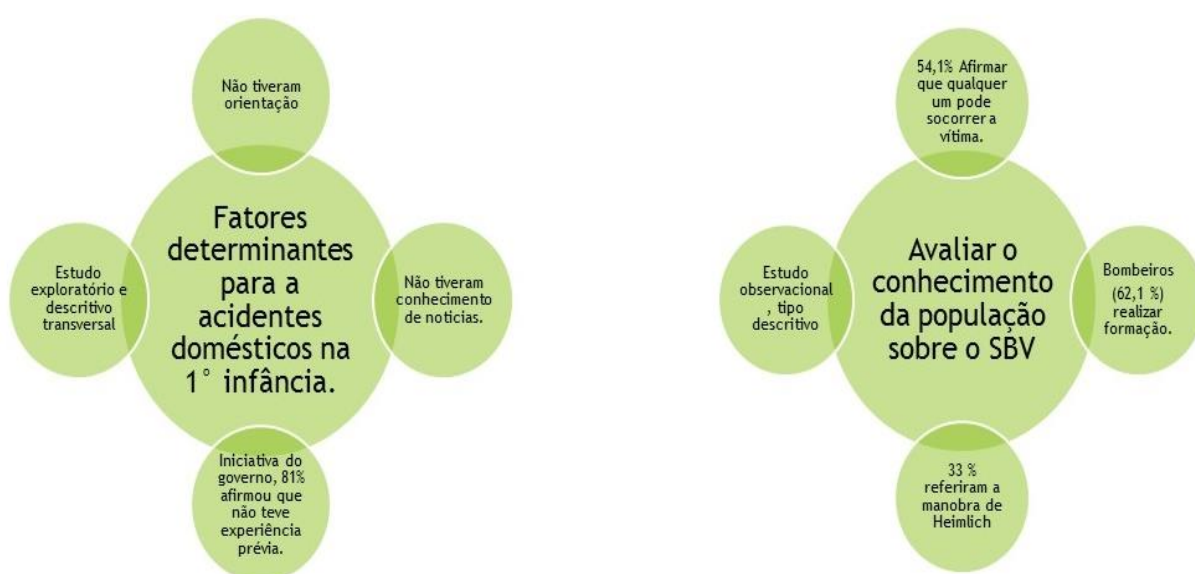
O principal acidente responsável pela internação da criança foi a queda, correspondendo a 52,4% das ocorrências. A região mais afetada pelo acidente doméstico nas crianças pesquisadas foi a de membros superiores (52,3%), seguida por face (19%), membros inferiores e abdome (14,2%). Quanto à ocorrência de acidente domésticos anteriores com as crianças, 47,6% das crianças internadas já haviam caído de cadeira ou lugares altos; o engasgo já havia acontecido em 19% das crianças. O artigo aborda um dado importante em relação à avaliação dos fatores institucionais demonstrou que a maior parte (52,4%) das cuidadoras não havia sido orientada, antes da criança sofrer o acidente, quanto à prevenção de acidentes no domicílio.

Sobre os fatores culturais capazes de determinar a ocorrência de acidentes domésticos com crianças, verificou-se que a maioria das participantes (81%) não havia tido conhecimento de notícias sobre acidentes domésticos. Quanto a ter conhecimento sobre iniciativas do governo para prevenção de acidentes domésticos com crianças, 81% afirmou não ter tido nenhuma experiência prévia. O artigo conclui que a avaliação dos fatores envolvidos em acidentes domésticos com crianças em âmbito social, cultural e institucional permitem uma maior compreensão desta realidade e serve como norteador para os profissionais, seja em nível primário ou terciário, de práticas e atitudes preventivas de acordo com o contexto em que a família está inserida.

Do mesmo modo Dixe e colaboradores (2015), buscou avaliar o nível de conhecimento da população portuguesa sobre o suporte básico de vida (SBV), realizou-se um estudo observacional do tipo descritivo, correlacionado. Para 54,1% dos participantes qualquer cidadão pode socorrer uma vítima e, para isso, deve ter conhecimentos sobre SBV (81,4%). Referiram igualmente que a formação deve ser efetuada nos locais de trabalho (84,9%). O Instituto Nacional de Emergência Médica

(63,6%) e os Bombeiros (62,1%) foram os mais citados para realizar formação sobre SBV. Obstrução da via aérea e consequente parada respiratória. Quando a vítima se engasga, apenas 33% dos inquiridos referiram que deve ser realizada a manobra de Heimlich, que deve ser realizada sempre que a obstrução da via aérea seja grave e o acidentado esteja consciente. Os resultados deste estudo reforçam a necessidade da capacitação da população leiga em SBV, a fim de diminuir as taxas de mortalidade e morbidade em situações de acidente e doença súbita em cenário extra-hospitalar.

Figura 1 – Esquematização dos artigos



Fonte : Elaborado pela autora

Categoria: Conhecimento materno ou dos responsáveis:

De acordo com o estudo de Lima (2014), o objetivo foi analisar as representações sociais de mães adolescentes sobre as práticas alimentares no primeiro ano de vida. Teve como sujeitos 10 mães adolescentes, cujos filhos encontravam-se na faixa etária de sete a doze meses de vida. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, além da utilização de material visual. A análise seguiu a técnica de análise de conteúdo, apoiando-se no referencial da Teoria das Representações Sociais. Dessa análise, emergiram quatro temas:

O primeiro tema abrange o conflito do amamentar versus consagração do mingau; aonde percebe-se que embora a amamentação seja iniciada, e muitas vezes mantida, diante das dificuldades as adolescentes buscam o que lhes é familiar e invocam o leite artificial. O mingau passa a ser retratado em sua imponência, como a solução para os problemas que o leite materno não consegue sanar.

Outro segundo tema estabelece a alimentação complementar do filho aonde a representação do alimento liquidificado é uma realidade que se traduz numa prática comum e imprescindível para que a criança não engasgue, além de ser considerado como sendo mais fácil de ofertar, frequentemente em mamadeira, tanto para a criança quanto para a mãe adolescente.

O terceiro tema é um discurso cristalizado: “Danoninho vale mais que um bifinho”; Há mais de 20 anos, uma propaganda veiculada na mídia clamava “Danoninho® vale por um bifinho”, deixando implícita a ideia de que o produto não apenas fazia bem à saúde, com o valor nutritivo de um pequeno bife, mas deveria ser parte do cardápio alimentar cotidiano da criança.

O quarto tema entra nos hábitos alimentares maternos: implicações para a alimentação infantil, aonde através da pronúncia das mães percebe-se nas falas que, comumente, alimentos não nutritivos são ofertados à criança durante o consumo pela mãe. Fica evidente que mães com hábitos alimentares inapropriados estabeleçam uma alimentação infantil inadequada.

Diante das vicissitudes da amamentação, as mães adolescentes, buscam no mingau o que lhes é familiar e seguro, já que o aleitamento materno é representado como uma ameaça ao sentido de ordem e sensação de controle sobre a criança. Diante do exposto o artigo conclui que conhecer as representações das jovens mães e o simbolismo que atribuem a determinado alimento permite maior compreensão das suas atitudes e escolhas, direcionando e facilitando as atividades de Educação em Saúde na promoção de hábitos alimentares saudáveis na infância e, também, na idade adulta.

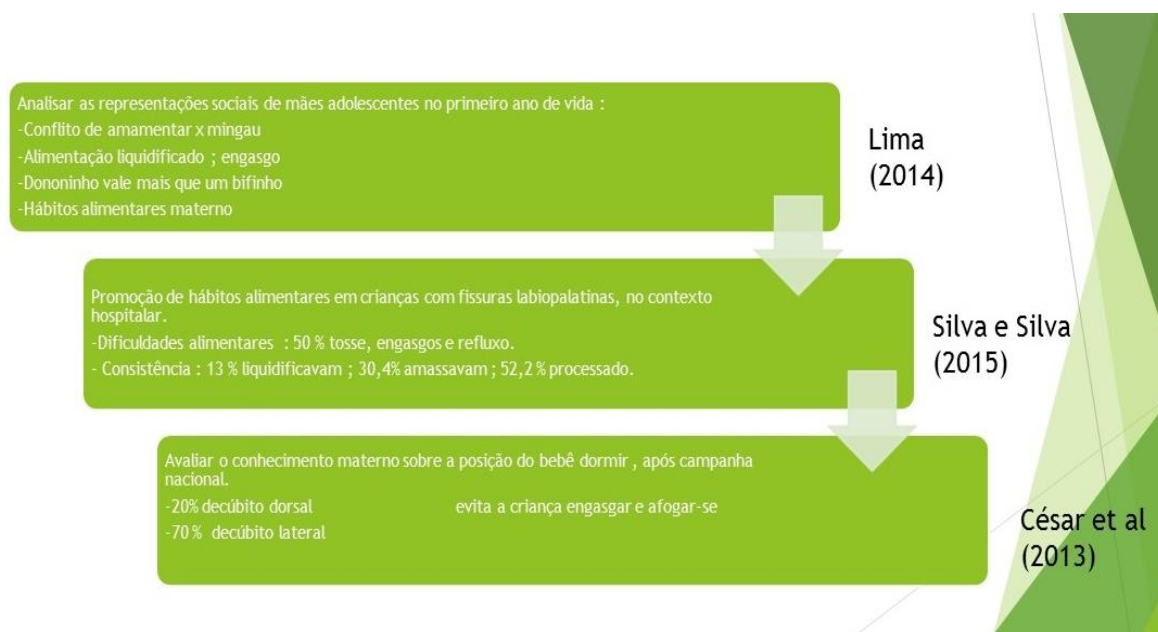
Silva e Silva (2015), vai de encontro a essa educação em saúde na promoção de hábitos alimentares na infância, mas com crianças com fissura labiopalatina e no contexto da atenção hospitalar, e pode identificar assim como Lima que quando questionadas sobre as dificuldades encontradas ao alimentar os filhos, (50%) mães relataram que os bebês apresentavam engasgos e tosses e (50%) refluxos, e quanto à consistência dos alimentos, um estudo verificou que em 13% dos casos as mães liquidificavam os alimentos; 30,4% amassavam e 52,2% ofereciam os alimentos processados aos seus filhos(22).

Porém eles tiveram como objetivo identificar as orientações que as mães receberam, com uma metodologia descritiva, exploratório, de corte transversal com abordagem quantitativa. O estudo foi conduzido em um centro de atendimento para reabilitação de malformações craniofaciais de uma Universidade no Sul de Minas Gerais, que atende mensalmente em média 400 pacientes e conta com uma equipe composta por dentistas, psicólogos, médicos, enfermeiros, fonoaudiólogos, nutricionistas e fisioterapeutas. A amostra de conveniência do estudo foi composta por mães de crianças portadoras de fissuras labiopalatais que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado de autoria dos pesquisadores, composto por 15 questões objetivas, que apresentavam pontos pertinentes aos objetivos do estudo. Questionadas sobre a amamentação, apenas (39%) das mães relataram ter oferecido aleitamento materno, enquanto que (61%) não o realizaram. Quanto ao tempo de aleitamento materno, 21 (53,85%) das mães o realizaram em um período superior a seis meses e 18 (46,15%) em um período inferior a seis meses. O artigo pode concluir que nas orientações destinadas ao aleitamento materno, os médicos e os enfermeiros se destacaram como os profissionais que mais realizaram orientações direcionadas ao posicionamento correto durante a amamentação e ao uso da mamadeira, quando fosse necessário.

César et al (2013) , teve como objetivo avaliar o conhecimento materno sobre a posição do bebê dormir após campanha nacional, como metodologia aplicou-se um questionário padronizado às mães que tiveram filho em 2010 em Rio Grande, RS, dentre as 2395 mães entrevistadas, mostra que somente 20,0% das mães afirmaram que a melhor posição para o bebê dormir é o decúbito dorsal. Destas, 41,9% alegaram que esta posição evita de a criança afogar-se ou engasgar-se, 37,5% disseram que esta posição de dormir havia sido recomendada na campanha nacional, enquanto 29,4% disseram ter esta opinião em virtude, de orientação dada pelo médico. É possível verificar ainda que a maioria das mães (76,8%) disse que a posição mais adequada para o recém-nascido dormir é o decúbito lateral. A principal razão era, segundo elas, também para não se afogar, não se engasgar (75,6%). Cerca de três quartos delas (73,6%) disseram ter aprendido isto com suas mães (avó materna). Pouco mais de um quinto das mães (20,5%) mostrou intenção de colocar o filho para dormir na posição supina conforme recomendado na campanha nacional. Sendo assim o artigo conclui o potencial impacto da campanha nacional e importante influência da avó materna sobre a opinião das mães em colocar o bebê para dormir em decúbito dorsal, e que assim como em outras localidades, é de fundamental

importância a identificação de fatores associados à morte súbita na infância bem como a criação de mecanismos de intervenção que resultem na mudança desta prática e que permitam medir o impacto de dormir na posição supina sobre a mortalidade infantil.

Figura 2: Esquematização dos artigos.



Fonte: Elaborado pela autora

Categoria: Conhecimento dos profissionais de saúde:

Neto et al (2015), teve como objetivo identificar, o conhecimento dos enfermeiros acerca da amamentação de recém-nascidos com fissura labiopalatina, através de uma pesquisa transversal com enfermeiros egressos das universidades brasileiras, utilizando um questionário para avaliar as características pessoais, de formação e relacionadas ao conhecimento em amamentação. Durante a graduação, onze (84,6%) profissionais afirmaram não ter recebido qualquer informação sobre processo de amamentação de bebês ou crianças com fissura labiopalatina. Entretanto, ao serem indagados sobre a indicação do leite materno para essa população, nove (69,2%) afirmaram possibilidade da amamentação naturalmente. Referente a melhor posição para amamentar o bebê, seis (46,2%) profissionais foram enfáticos ao afirmar desconhecer a posição mais adequada. Por sua vez, cinco (38,5%) enfermeiros indicaram a posição sentada, um a posição supina (7,7%) e dorsal (7,7%) respectivamente. O artigo pode concluir a recomendação do

aleitamento materno é um tema discutido durante a formação acadêmica, mas pouca atenção é dada aos casos que excedem o padrão de normalidade infantil, a exemplo a malformação.

Este artigo segue as mesmas orientações que ocorrem no estudo de Schmidt e colaboradores (2013), nas orientações sobre a amamentação, os autores tiveram como objetivo identificar as estratégias utilizadas pela equipe de enfermagem atuante na unidade neonatal de um hospital-escola, durante o preparo da família para a alta do prematuro. Trata-se de estudo descritivo, com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados entre março e junho de 2011, por meio de observação e entrevistas semiestruturadas. Do processo de análise dos relatos provenientes das entrevistas, depreenderam-se duas categorias temáticas: Orientações e estratégias profissionais acerca do preparo da família para a alta do prematuro e as orientações realizadas pelos profissionais se mostram pautadas, principalmente, em cuidados de higiene, conforto e aleitamento materno. Outros cuidados abordados na orientação e que foram destacados pelos profissionais incluíram: o uso de gavagem, necessidade do toque e cuidados na manipulação do bebê, citados por quatro profissionais; posicionamento da criança, medicação e retorno para consulta com especialista foram discriminados por três entrevistados; cuidados em caso de engasgo e oferta de leite no copo foram referidos por dois profissionais; acompanhamento pela UBS na puericultura, prevenção de assaduras, verificação de temperatura e importância da vacinação foram citados apenas uma vez.

Outros pontos discutidos, foram as dificuldades e potencialidades no espaço da atenção neonatal aonde foi identificado que os profissionais apontaram dificuldades vivenciadas durante o processo de preparo da família para a alta do prematuro. Dentre elas, a ausência dos pais nas unidades neonatais se destacou na totalidade das entrevistas. Tal situação foi justificada pelos sujeitos, apontando fatores como: dificuldade de deslocamento das famílias, por residirem em outro município e dependerem do transporte oferecido pela prefeitura do município onde residem, para o deslocamento até o hospital; ter outros filhos pequenos em casa e que necessitam de cuidados. Tratando disso, durante a internação é criado um vínculo mãe e bebê para facilitar o cuidado depois da alta-hospitalar.

Os benefícios do contato mãe-bebê foram evidenciados em estudo que investigou estados comportamentais de recém-nascidos pré-termo (RNPT) em suporte ventilatório durante o cuidado mãe canguru (CMC). Identificou-se que a prática do método canguru

em bebês intubados favoreceu o sono profundo e contribuiu com significativa diminuição da dor nos RNs.

Essa prática de contato mãe- bebê foi identificado também no estudo de Galvão et al (2015), que teve como objetivo conhecer as intervenções não farmacológicas de redução da dor utilizadas pelos enfermeiros na vacinação de lactentes e identificou- se, que quando vacinam crianças amamentadas, utilizam a amamentação como intervenção sensorial e cognitivo-comportamental de redução da dor , através de uma metodologia descritivo/exploratório qualitativa junto de 17 Enfermeiros de Cuidados de Saúde Primários. Na perspectiva dos enfermeiros, o ato de vacinação deve constituir preocupação do enfermeiro e não da mãe. Esta deve procurar tranquilizar a criança. Foi esta a primeira ideia que ressaltou as entrevistas “Centrar a atenção da mãe no bebê”, onde a preocupação do enfermeiro deve ser o ato terapêutico e a função da mãe será acalmar e tranquilizar a criança.

Relativamente ao reconhecimento das propriedades não farmacológicas da amamentação para redução da dor na vacinação, os enfermeiros atribuíram vários significados como: efeito analgésico, presença de endorfinas, desejo de sucção do bebê e contato físico, onde todos estes elementos resultam em acalmar o bebê. Centrar a atenção da mãe no bebê, dar carinho e manter o contato físico foram estratégias utilizadas pelos enfermeiros do estudo. O estudo pode concluir que, os resultados deste estudo evidenciaram que os enfermeiros que desenvolvem a atividade profissional em Cuidados de Saúde Primários estão despertos para a utilização de estratégias não farmacológicas de redução da dor de lactentes durante a vacinação constatando-se que diferentes estratégias são utilizadas, quer isoladas ou em conjunto. Porém, quando vacinam as crianças durante a amamentação, a técnica só é utilizada quando solicitada pelas mães e que alguns enfermeiros não adotavam esta estratégia por receio de engasgamento ou outras possíveis consequências.

Medeiros e colaboradores (2017), aborda um estudo interessante, quando o assunto é amamentação, a partir da pega adequada, estabelece-se uma dinâmica muscular, caracterizada por quatro movimentos mandibulares: abertura, protrusão, fechamento e retrusão. Esse mecanismo deve estar em perfeita sincronia e coordenado à deglutição e à respiração, sem que ocorram engasgos e/ou broncoaspiração. Indo de encontra com Galvão et al (2015) que afirma que não existem relatos de episódios adversos, como engasgamentos ou regurgitações, e acrescentam que a vacinação comparada com a

frequência da amamentação é menos comum, pelo que é improvável que uma criança associe a amamentação a procedimentos dolorosos.

Soares et al (2015), teve como objetivo avaliar o conhecimento e a prática de pediatras brasileiros na assistência, ao lactente com refluxo fisiológico e doença do refluxo gastroesofágico, teve como metodologia entrevistar 140 médicos pediatras em dois eventos científicos em 2009 e 2010. Ele aborda que vômitos e regurgitações ocorrem com frequência no lactente, em especial no primeiro semestre de vida. Em conclusão, os resultados mostraram que os pediatras entrevistados apresentam bom nível de conhecimento compatível com a possibilidade de diferenciar refluxo fisiológico de doença do refluxo gastroesofágico. A possibilidade de refluxo secundário a alergia ao leite de vaca não parece ser concordante com a diretriz da Naspghan/Espghan. Constatou-se, ainda que, muitos pediatras recomendariam posições diferentes do decúbito dorsal (associadas à maior risco de morte súbita) e prescrevem procinéticos.

Popoaski et al (2012) , avalia a qualidade de vida do respirador oral. Foi realizado um estudo transversal descritivo através de um questionário avaliando a qualidade de vida em pacientes respiradores orais, ele aborda no estudo que nos lactentes, as condições adquiridas, como a hiperplasia adenoamigdaliana e os processos inflamatórios crônicos, são as causas obstrutivas observadas com maior frequência , sendo que a hipertrofia irreduzível adenoamigdaliana é considerada a forma primária de desordens respiratórias relacionadas ao sono, o que compromete o desenvolvimento físico e cognitivo infantil comparando-a com não respiradores orais, e acordar engasgado durante a noite aparece como uma queixa comum relacionado ao aparelho. Conclui que a Síndrome do Respirador Oral parece estar relacionada a um impacto na qualidade de vida, principalmente no que se refere aos problemas nasais, sono e alimentação.

Figura 2: Esquematização dos artigos

<p>Neto et al (2015) conhecimento dos enfermeiros acerca da amamentação de recém nascidos com fissura labiopalatina.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 84,6 % não receberam informação durante a graduação. • Posição adequada : 46,2 % não sabem ; 38,5% sentado ; 7,7 % supina e dorsal. 	<p>Schmidt et al (2013), orientações dos enfermeiros durante o preparo da família para alto do prematuro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Higiene , conforto , aleitamento materno. • Uso de gavagem , posicionamento da criança , cuidados em caso de engasgo, prevenção de assadura, importância da vacinação. 	<p>Galvão et al (2015), conhecer intervenções não farmacológicas de redução de dor utilizada em lactentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica da amamentação • Solicitação da mãe • Engasgo
<p>Medeiros et al (2017), afirma que a partir da pega adequada estabelece-se uma dinâmica muscular.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimentos mandibulares: abertura , protusão, fechamento e retrusão; • Sincronia , engasgo e/ou broncoaspiração. 	<p>Soares et al (2015), avaliar o conhecimento e a prática de pediatras brasileiros com a doença do refluxo gastroesofágico.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ele aborda que vômitos e regurgitações ocorrem com frequência no lactente, em especial no primeiro semestre de vida. 	<p>Popoaski et al (2012), avalia a qualidade do respirador oral.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acordar engasgado é um queixa comum.

Fonte: Elaborado pela autora

Categoria: Contexto alimentar :

Brusco (2013), busca caracterizar o desenvolvimento da alimentação de um grupo de prematuros , entre três e 12 meses, nascidos em Canoas/RS, verificando o tipo de aleitamento, época de introdução da alimentação complementar, hábitos orais deletérios, orientações recebidas que não são postas em práticas porque a crença popular se sobrepõe em relação as orientações dos profissionais , dificuldades alimentares e perfil sociodemográfico, através de um estudo descritivo, quantitativo e transversal.

Foi realizada entrevista com os responsáveis e avaliação de 32 crianças nascidas pré-termo que compareceram às consultas de seguimento em um hospital em Canoas. A amostra foi composta por 32 crianças, sendo 21 (65,6%) do gênero masculino e 11 (34,4%) do gênero feminino. Apenas uma (3,1%) criança não recebeu alimentação por sonda. A prática do aleitamento materno exclusivo (AME) foi realizada por somente 12 (37,5%) crianças e a média de duração foi de apenas 31 dias, considerando que 4(12,5%) crianças ainda estavam em aleitamento materno exclusivo durante o momento da pesquisa. 8 (25%) crianças nunca foram amamentadas. Quanto à duração da amamentação complementada, a atual pesquisa apontou média de 75,5 dias para as 10 (31,2%) crianças que já haviam feito desmame. Os demais 14 (43,8%) casos seguiam recebendo aleitamento. Na alimentação atual, a mamadeira foi utilizada por 28 (87,5%) dos casos, tendo como idade média inicial de introdução de um mês e 10 dias. Das 28

(87,5%) crianças analisadas, 5 (17,9%) relataram que houve aumento do furo da mamadeira; 23 (71,9) relataram apenas consumo de líquidos ralos, 1 (3,1%) relatou consumo de líquidos engrossados e 4 (12,5%) relataram o consumo de ambos.

No presente estudo foi encontrada associação entre recusa alimentar, baixo peso e prematuridade extrema. Este fato pode refletir o maior período de intervenção e estresse que estes bebês passaram durante a internação na UTI neonatal. Após um episódio traumático – como engasgos, vômito, sufocação ou procedimentos corriqueiros em ambientes de urgência ou UTI, como inserção de tubo endotraqueal, sonda nasogástrica ou enteral – o bebê começa a apresentar recusa parcial ou total de alimento. Constatou-se que o aleitamento materno exclusivo foi pouco praticado na população avaliada; consequentemente a oferta de outros leites e líquidos foram precoces na dieta das crianças.

Da mesma forma, Yamamoto et al (2017), buscou investigar o Schedule Oral Motor Assessment (SOMA) para utilização com recém-nascidos pré-termo (RNPT), e comparar seus resultados com o Preterm Oral Feeding Readiness Scale (POFRAS) na liberação da alimentação por via oral, em um trabalho de caráter transversal e quantitativo o estudo foi composto por uma amostra de 45 recém-nascidos pré-termo, saudáveis e clinicamente estáveis, avaliados no momento da liberação da alimentação por via oral. Notou-se que todos os 10 RNPT que apresentaram prontidão para alimentação por via oral tinham função motora oral normal, e todos os 16 RNPT que apresentaram disfunção motora oral também não apresentavam prontidão para a mamada. Esses resultados apresentaram uma significância de $p < 0,05$. Assim o artigo pode concluir que estes resultados sugerem que o SOMA também pode ser um método para complementar na avaliação da função motora oral no momento da liberação da via oral de recém-nascido pré-termo e ajudar a direcionar num plano de estimulação sensorio motora oral precoce para aqueles que apresentam alguma disfunção motora oral.

Seguindo a linha de prematuros Lopes et al (2015), que buscou analisar a amamentação em prematuros relacionando as características do binômio mãe-filho e a autoeficácia materna, através de um estudo do tipo transversal, descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, em uma maternidade pública do estado do Piauí, com 21 mães e seus filhos internados na Unidade de Cuidados Intermediários Neonatal.

O estudo identificou que na alimentação atual, 10 (47,6%) alimentavam-se com aleitamento materno misto/parcial e 16 (76,2%) já haviam feito uso de sonda orogástrica para oferta do leite. Quanto à verificação da pega no mamilo, observou-se que 8 (66,7%)

não a realizavam corretamente e 6 (50%) apresentavam dispneia frequente durante as sugadas. No que se refere à cor da pele, 12 (100%) mantiveram-se normocoradas durante toda a mamada e 10 (83,3%), não apresentaram regurgitação nasal-oral. No que se refere à duração da mamada, 9 (75,5%) não apresentaram tempo suficiente e favorável ao aleitamento materno, enquanto 8 (66,7%) mostraram deglutição com presença de engasgo e tosse. Quanto ao posicionamento na hora da mamada, 8 (66,6%) dos bebês assumiram postura incorreta e 7 (58,3%) das mães estavam com postura satisfatória.

Um dado preocupante, foi o fato de mais da metade das mães, revelarem não ter recebido informações sobre aleitamento materno durante o pré-natal. Nesta pesquisa, o reflexo de busca esteve na maioria das vezes incompleto e aproximadamente, mais da metade, apresentou engasgo, tosse durante a mamada, conseguindo realizar poucos minutos de mamada. Encontrou-se ainda ausência de posicionamento coordenado entre binômio mãe-filho, uma vez que a posição da mãe durante a mamada foi classificada como boa, más, entre os prematuros, mais da metade assumiu posição errada durante a observação.

Da mesma forma Gonçalves e Cadete (2015), buscou identificar o índice de aleitamento materno exclusivo (AME) e alimentação complementar adotada em menores de um ano no município de Ribeirão das Neves-MG. Através de um estudo realizado em dez unidades básicas de saúde do município, cuja coleta de dados se fez por meio de questionário composto de 55 questões para responsáveis e/ou acompanhantes das crianças menores de um ano. Mais de 50% das crianças que participaram da pesquisa encontravam-se na faixa etária de até cinco meses e 29 dias. O ideal seria que esta mesma proporção estivesse em AME. Entretanto, houve alto índice de ingestão de água e outro leite. Na alimentação das últimas 24 horas, as mães ou responsáveis indicaram que 27,7% tomaram mingau salgado; 47,9% comeram fruta; 45,6% comeram papa salgada; 50,4% tomaram suco de fruta; 10,5% receberam suco industrializado; 10,5% tomaram refrigerante; 9,3% tomaram café, 39,1% receberam alimento adoçado com açúcar; 35,1% comeram bolacha ou salgadinho; 21,5% tomaram ou comeram outros alimentos. No que diz respeito à mamadeira, 65,2% usaram-a ou chuquinha e 51% fizeram uso da chupeta.

Sob o mesmo ponto de vista Schaurich e Delgado (2014), teve como objetivo caracterizar a alimentação de crianças entre seis e 24 meses de município do RS, através de um estudo descritivo e transversal. A coleta de dados foi realizada no período de julho a setembro de 2012. Foi realizada entrevista com os responsáveis. A amostra estudada foi composta por 88 crianças, com idade média de um ano e três meses, sendo 20 (22,7%)

entre seis e 11 meses e 29 dias, 40 (45,4%) entre 12 e 17 meses e 29 dias e 28 (31,8%) acima de 18 meses. O parto cesáreo ocorreu em 78,4% dos casos e a distribuição entre os gêneros foi idêntica. A introdução precoce da alimentação complementar das crianças do estudo ocorreu em 82,9% dos casos, na qual verificou-se a predominância da oferta de líquidos. A maior parte dos responsáveis relatou ter recebido informações sobre introdução dos alimentos e mudança na consistência do pediatra (47,7%), seguido de pessoas conhecidas (43,2%) e do enfermeiro (6,8%). Embora 86,4% dos indivíduos tenham recebido amamentação materna exclusiva com duração média de três meses e meio, 55,7% da amostra, já não estava mais recebendo o leite materno na data da entrevista, tendo a mediana de desmame se fixado no quarto mês de vida.

Entre as crianças 80 que receberam chá, 36 (45,0%) o fizeram antes do terceiro mês de vida, 41 (51,0%) entre três e seis meses e, apenas três (3,8%) após o sexto mês de vida. Identificou-se também correlação positiva moderada ($r=0,489$; $p= 0,000$) entre a introdução de chá e o desmame e correlação positiva fraca ($r= 0,326$; $p= 0,022$) entre introdução de água e desmame respectivamente, significando que as crianças que receberam chá e água desmamaram mais cedo quando comparadas àquelas que não receberam estes líquidos.

Em outro ponto, Vidal e Nogueira (2015), discute o papel da Puericultura na promoção do aleitamento materno a partir da percepção das mães. Através de uma pesquisa qualitativa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte mães de crianças no primeiro ano de vida, usuárias dos serviços de Puericultura de duas Policlínicas de Niterói-RJ. A faixa etária das entrevistadas variou de 17 a 43 anos. Em relação à alimentação do bebê e sentimentos sobre a amamentação, as mães entrevistadas, de uma forma geral, relataram sentimentos de satisfação com o aleitamento materno. Dentre as vinte mães entrevistadas, nove não relataram dificuldade para amamentar, sendo dez mães primíparas. As mães primíparas referiram mais dificuldades com a amamentação que as múltíparas: sete mães múltíparas e duas primíparas não relataram dificuldade para amamentar. As que não tiveram dificuldade na amamentação não necessariamente mantiveram o aleitamento materno exclusivo até seis meses. Algumas mães receberam incentivo dos profissionais de saúde para o aleitamento materno na consulta de pré-natal, em grupos de gestantes e no acolhimento na unidade de saúde, e o engasgo entrou em um discurso da mãe, como preocupação no momento da amamentação. O artigo pode concluir que o cuidado na Puericultura configurou como

uma oportunidade valiosa para o incentivo ao aleitamento materno e promoção da saúde da criança.

Figura 4 : Esquematização dos artigos



Fonte: Elaborado pela autora

Categoria : Relacionado ao processo de deglutição :

Burgemeister e Sebastião (2013), busca identificar os procedimentos utilizados por profissionais de UTI neonatal na alimentação de RNs por meio do copo, bem como analisar seus conhecimentos e experiências sobre a técnica. Através de entrevistas semiestruturadas com 12 auxiliares de enfermagem de UTI Neonatal. Com relação às técnicas utilizadas na alimentação dos bebês internados, todos os profissionais sinalizaram a gavagem, o copo e a mamadeira/ chucha, porém poucos mencionaram o aleitamento materno como forma de alimentação dos bebês. Houve relatos ainda de que o bebê tem que demonstrar que consegue deglutir, que tem intenção de mamar e de não

poder estar irritado devido ao risco de aspiração, sendo que estas condições foram apontadas, cada uma delas, por um funcionário. A dificuldade mais frequentemente observada diz respeito à posição do copo ao ofertar o leite para o recém-nascido, uma vez que vários profissionais relataram posicionar o copo de forma a “despejar” o leite na boca do bebê. Essa é uma das mais comuns inadequações da técnica do copinho e responsável pelas principais críticas a este método, pois quando o leite é despejado na boca do bebê ele fica susceptível a engasgos e aspirações. Mediante a investigação sobre possíveis dificuldades para utilizar a técnica do copo na alimentação dos bebês, os resultados mostraram que as opiniões de alguns dos profissionais entrevistados sinalizaram dúvidas em relação ao uso dessa técnica justificando a realização de ações de educação permanente em saúde que abordem esta temática.

Do mesmo modo Moreira et al 2017, avalia a técnica sonda-dedo em comparação com o copo no início da transição alimentar do prematuro quanto à perda de leite ofertado, tempo de ingestão e complicações, através de um estudo experimental, randomizado, não cego, prospectivo, com 53 prematuros. A técnica sonda-dedo mostrou-se um método opcional no início da transição alimentar superior em sua eficiência, quando comparada com o copo, devido à menor perda de leite ofertado e à incidência de complicações, principalmente na faixa de 32-34 semanas IG. Entretanto, o tempo de oferta de dieta apresentado pela técnica sonda-dedo foi significativamente maior do que o tempo de dieta pelo copo. Essa superioridade quanto à aceitação da dieta, com menor escape de leite observada no grupo experimental, vai de encontro aos estudos que descreveram o uso do copo.

Como demonstra, Galego et al (2012), que caracteriza o uso de um tipo de copo denominado copo Suzana® e compará-lo ao copo descartável (para café) durante o oferecimento da dieta a lactentes. Participaram do estudo 20 lactentes a termo, ambos os gêneros, com até cinco dias de vida, em alojamento conjunto de um Hospital Maternidade filantrópico. O oferecimento do leite foi realizado com a divisão da dieta prescrita entre os dois modelos de copo. Os 10 primeiros participantes receberam inicialmente a dieta através do copo Suzana® e posteriormente pelo copo descartável e os 10 últimos participantes receberam inicialmente a dieta através do copo descartável e posteriormente pelo copo Suzana®. Pode-se observar, diante dos dados coletados, que o copo Suzana® foi mais eficaz durante a alimentação do lactente, pois com ele o escape de leite foi menor, não ocorreram engasgos ou aspirações, por ter uma estrutura anatomicamente elaborada

para a cavidade oral do lactente o encaixe nas comissuras lábias ocorreu de forma adequada.

Outro ponto importante discutido é o de Menezes e Andrade (2014), que teve como objetivo descrever as alterações funcionais da deglutição em bebês de risco para o desenvolvimento neuropsicomotor, sua metodologia foi através de um estudo do tipo individual, observacional e referência temporal transversal. A amostra constituiu-se de 83 crianças, com idade cronológica entre zero e 36 meses. Durante o procedimento citado, as alterações funcionais da deglutição mais observadas, em ordem decrescente, foram: escape posterior do alimento para a faringe (78,6%), atraso do início da deglutição faríngea (57,1%), estase em valéculas (7,1%), estase em recessos piriformes (7,1%), penetração laríngea (21,4%) e alteração de sensibilidade laríngea (14,3%). De acordo com os resultados, concluiu-se uma associação fática entre os fatores de risco para o desenvolvimento neuropsicomotor e as alterações funcionais de deglutição, demonstrando a existência de comprometimentos de fase oral e fase faríngea, uma vez que todos os sujeitos exibiram alterações funcionais na sequência da deglutição.

Seguindo nesta mesma linha, Munhoz et al (2015), verifica a acurácia da avaliação clínica da deglutição comparada à videofluoroscopia na detecção de penetração laríngea isolada e aspiração laríngea em crianças com suspeita de disfagia; identifica os sinais e sintomas clínicos associados à presença de penetração laríngea isolada e aspiração laríngea; e determina a sensibilidade e a especificidade dos sinais e sintomas clínicos identificados. Em sua metodologia ele usa uma análise retrospectiva de dados de avaliações clínicas e videofluoroscópicas realizadas em 55 crianças de 1 mês a 7 anos e 11 meses de idade. Nas avaliações, 14 crianças (25%) faziam uso de via alternativa de alimentação (2 com gastrostomia, 2 com sonda orogástrica, 10 com sonda nasogástrica ou nasoenteral). Assim, das 55 crianças, 45 foram avaliadas com líquido fino, 21 com líquido engrossado e 18 com pastoso homogêneo. No geral, 80% das crianças apresentaram SSC sugestivos de alterações na fase faríngea na avaliação clínica fonaudiológica da deglutição, sendo alteração na ausculta cervical (49%), tosse (35%), engasgo (35%), dessaturação de oxigênio (33%) e desconforto respiratório (27%) os sinais e sintomas clínicos mais frequentes. Não houve associação significativa entre a avaliação clínica e os achados videofluoroscópicos. O engasgo foi o único sinal clínico associado à penetração laríngea isolada com líquido fino e apresentou sensibilidade de 53% e especificidade de 77%.

Por conseguinte, Araújo e Silva (2013) descreve a avaliação nutricional de crianças com paralisia cerebral, verificando a concordância de curvas de crescimento específicas para paralisia cerebral com curvas gerais, além de avaliar a presença das manifestações digestórias associadas a agravos nutricionais. Utilizando como metodologia corte transversal de 187 indivíduos com paralisia cerebral, avaliando-se dados antropométricos em curvas habitualmente utilizadas em pediatria e em curvas específicas para paralisia cerebral, além da descrição da presença de disfagia, constipação intestinal e infecções respiratórias de repetição. A disfagia foi clinicamente avaliada utilizando dados de protocolos específicos coletados durante a entrevista e observação da ingestão de diferentes consistências de alimentos. Os dados clínicos analisados para verificar a presença de disfagia foram: alteração na ausculta cervical e oximetria de pulso, tosse ou engasgo durante ou depois da deglutição, habilidades motoras orais deficientes, atraso na resposta faríngea (para elicitar o reflexo de deglutição), deglutições múltiplas, aumento da secreção ou estridor em vias aéreas superiores durante ou depois da deglutição e ritmo respiratório modificado. Dados sobre disfagia, infecções respiratórias de repetição (IRR) e constipação intestinal (CI) estiveram presentes em 183 indivíduos. Para todas essas variáveis, foi constatado que a maioria dos indivíduos comprometidos com disfagia, IRR e CI encontrava-se abaixo do percentil 50, com porcentagens respectivas de 67%, 75% e 72%. No presente estudo, as manifestações digestórias foram encontradas com maior frequência nos indivíduos com dados antropométricos abaixo do percentil 50, e foi observado que 50% dos indivíduos estavam abaixo do percentil 10, considerando-se referências gerais do Center of Disease Control (CDC). Dados sobre disfagia, IRR e constipação intestinal (CI) estiveram presentes em 183 indivíduos. A partir deste estudo, pode-se constatar que a antropometria e o crescimento das crianças com paralisia cerebral diferem das crianças saudáveis.

Assim também, Barbosa et al (2014) busca determinar a ocorrência de sinais clínicos de disfagia em lactentes com bronquiolite viral aguda e comparar os parâmetros respiratórios entre as fases da deglutição, assim como realizar a concordância intra e interexaminadores da avaliação clínica da deglutição. Através de um estudo transversal, com 42 lactentes, entre zero e 12 meses. A avaliação clínica da deglutição foi acompanhada das medidas da frequência respiratória e oximetria de pulso. Com base na entrevista com os cuidadores, foi identificado que 37 (88,1%) dos pacientes não tinham queixa de dificuldades prévias de alimentação. No entanto, em 36 (85,7%), os cuidadores relataram dificuldades de alimentação no período da internação hospitalar. Entre as

principais dificuldades citadas, 24 (64,9%) referiram fadiga; 19 (45,2%), tosse; e 17, (40,5%) engasgos. Para o estudo, 27 (64,3%) pacientes foram alimentados em seio materno, e 15 (35,7%) receberam a dieta por mamadeira. Com o escore proposto, verificou-se que 9 (21,4%) pacientes não apresentaram alterações na deglutição, e 33 (78,5%) tinham alterações que se distribuíram da seguinte forma: 7 (16,7%) com uma alteração, 8 (19%) com duas alterações, 6 (14,3%) com três alterações, 7 (16,7%) com quatro alterações e 5 (11,9%) com cinco alterações. O artigo conclui que é importante a atenção à alimentação na avaliação clínica da equipe médica e sugere-se a solicitação de avaliação específica de deglutição, realizada pelo fonoaudiólogo, nos casos em que se observam maiores chances de aspiração.

Figura 5: Esquematização dos artigos



Fonte : Elaborado pela autora

CONCLUSÃO:

Através do levantamento de dados, pode se obter que os artigos possuem diversidade no tema e que o engasgo é citado em emergências clínicas com profissionais em regime de plantão. E em alguns outros e engasgo é citado como receio do responsável através da alimentação do lactente.

A sua raridade explica a falta de emponderamento da população, a escassez de investimento na investigação do engasgo como um acidente doméstico, o que culmina em cuidados de saúde inadequado por parte dos leigos no suporte básico de vida.

É fundamental que se construa um processo de sensibilização dos estudantes e profissionais, em relação ao engasgo em lactente como acidente doméstico para que seja passado a conhecimento da desobstrução das vias aéreas e a quem recorrer caso o ele ocorra.

Dessa forma vista que a enfermagem trabalha diretamente com o público, deve se gerar assim um comprometimento profissional tanto na promoção quanto na prevenção do engasgo podendo reduzir a incidência de morbidade e mortalidade em situações do suporte básico de vida.

REFERÊNCIAS:

NEVES, Olga Maria Domingues das; BRASIL, Laélia Maria Barra Feio; AMORIM, e Cláudio Sergio Carvalho de. Processos aspirativos pulmonares em crianças. Rev. Para. Med = Rev. Para. Med. (impr.), São Paulo, p.3-23, set. 2009. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=588478&indexSearch=ID>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy and ANDRADE, Selma Maffei de. Acidentes com corpo estranho em menores de 15 anos: análise epidemiológica dos atendimentos em pronto-socorro, internações e óbitos. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2008, vol.24, n.9 [cited 2019-01-28], pp.1983-1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000900004&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000900004>.

XAVIER-GOMES, L. M., et. al. Descrição dos acidentes domésticos ocorridos na infância. *O mundo da saúde*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 394 – 400, 2013.

RODRIGUEZ, Hugo et al . Recomendaciones sobre la prevención de la aspiración de cuerpos extraños orgánicos. *Arch. argent. pediatr.*, Buenos Aires , v. 115, n. 5, p. 512-516, oct. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0325-00752017000500029&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 28 enero 2019. <http://dx.doi.org/10.5546/aap.2017.512>.

Cabeza B, Gómez C, Hernangómez S, Serrano A, Sobrino E, Santos S. Aspiración de cuerpo extraño. *An Pediatr (Barc)* 2013; 79(1):52-3.

Sociedade Brasileira de Cardiologia • ISSN-0066-782X • Volume 101, Nº 2, Supl. 3, Agosto 2013. Disponível em <http://publicacoes.cardiol.br/consenso/2013/Diretriz_Emergency.pdf> Acesso em : 20 abr. 2018.

FRANCA, Elisabeth Barboza et al . Principais causas da mortalidade na infância no Brasil, em 1990 e 2015: estimativas do estudo de Carga Global de Doença. Rev. bras. epidemiol., São Paulo , v. 20, supl. 1, p. 46-60, May 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2017000500046&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201700050005>.

UCHOA, Janaina Lemos. O aleitamento materno influencia diretamente na prevenção da morbimortalidade infantil, sendo fundamental para a promoção e proteção da saúde das crianças. 2012. 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4133/1/2012_dis_jluchoa.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

AMERICAN HEART ASSOCIATION. Guidelines. Destaques das Diretrizes da American Heart Association, 2010 para RCP e ACE. AHA versão atualizações português 2010.

Karen Judy, MD. Unintentional Injuries in Pediatrics. Pediatrics in Review. 2011; 32:431-9. Disponível em : <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=689129&pid=S0872-0754201700040000300001&lng=pt>. Acesso em : 28 jan.2019.

Michael E. Höllwarth. Prevention of Unintentional Injuries: A Global Role for Pediatricians. *Pediatrics*. 2013; 132:4-7. Disponível em : < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=689131&pid=S0872-0754201700040000300002&lng=pt>. Acesso em 28 jan.2019.

Mendes KDS, Silveira RC de CP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Context - Enferm* [Internet]. 2008;17(4):758–64. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=pt&tlng=pt

Silva MF, Fontinele DRS, Oliveira AVS, et al. Determining Factors To Occurrence Of Domestic Accidents In Babyhood. *J Hum Growth Dev*. 2016;27(1): Ahead of print.

DIXE, Maria dos Anjos Coelho Rodrigues; GOMES, José Carlos Rodrigues. Conhecimento da população portuguesa sobre Suporte Básico de Vida e disponibilidade para realizar formação. São Paulo: Usp, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n4/pt_0080-6234-reeusp-49-04-0640.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

VIDAL, Valéria Ubaldo Araújo; NOGUEIRA, Maria Inês. O cuidado na Puericultura e a promoção do aleitamento materno: reflexões a partir da percepção de mães usuárias. São Paulo: Revista de Saúde Coletiva e Bioética Universidade Federal Fluminense – Brasil, 2015.

BRUSCO, Thaísa Rodrigues; DELGADO, Susana Elena. CARACTERIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA ALIMENTAÇÃO DE CRIANÇAS NASCIDAS PRÉ-TERMO ENTRE TRÊS E 12 MESES. Rio Grande do Sul: Revista Cefac, 2014.

SCHAURICH, Gisele Fernanda; DELGADO, Susana Elena. CARACTERIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA ALIMENTAÇÃO EM CRIANÇAS DE 6 A 24 MESES. Rio Grande do Sul: Rev. Cefac, 2014.

LOPES, Antonia Mauryane et al. AMAMENTAÇÃO EM PREMATUROS: CARACTERIZAÇÃO DO BINÔMIO MÃE-FILHO E AUTOEFICÁCIA MATERNA. Teresina: Revista Brasileira de Promoção A Saúde., 2014.

GONÇALVES, Maria Rafaela dos Santos; CADETE, Martileide Meire Miranda. Aleitamento materno exclusivo e alimentação complementar entre menores de um ano em Ribeirão das Neves-MG. Belo Horizonte: Demetra, 2015.

YAMAMOTO, Raquel Coube de Carvalho et al. Prontidão para início da alimentação oral e função motora oral de recém-nascidos pré-termo. Rio Grande do Sul: Revista Cefac, 2017.

SCHMIDT, Kayna Trombini et al. Práticas da equipe de enfermagem no processo de alta do bebê pré-termo. Paraná: Revista Brasileira de Enfermagem, 2013.

POPOASKI, Cristiane et al. Avaliação da qualidade de vida em pacientes respiradores orais. São Paulo: Arq. Int. Otorrinolaringol, 2012.

TOLEDO NETO, João Lopes et al. Conhecimento de enfermeiros sobre amamentação de recém-nascidos com fissura labiopalatina. Paraná: Revista Rene, 2015.

MEDEIROS, Andréa Monteiro Correia et al. Acompanhamento fonoaudiológico do aleitamento materno em recém-nascidos nas primeiras horas de vida. Sergipe: Audiol Commun Res, 2017.

GALVÃO, Dulce Maria Pereira Garcia et al. INTERVENÇÕES NÃO FARMACOLÓGICAS DE REDUÇÃO DA DOR EM USO NA VACINAÇÃO DE LACTENTES. Portugal: Esenf, 2015.

SOARES, Ana Cristina Fontenele et al. Conhecimento e prática de pediatras brasileiros sobre a doença do refluxo gastroesofágico em lactentes. São Paulo: Elsevier, 2014.

LIMA, Ana Paula Esmeraldo et al. Práticas alimentares no primeiro ano de vida: representações sociais de mães adolescentes. Recife: 2014.

CESAR, Juraci Almeida et al. Opinião das mães sobre a posição do bebê dormir após campanha nacional: estudo de base populacional no extremo sul do Brasil. Recife: Rev. Bras. Saúde Matern. Infant, 2013.

SILVA, Leticia Santos et al. Orientações recebidas pelas mães de crianças com fissura labiopalatina. São Paulo: Arq. Ciênc. Saúde, 2015.

BARBOSA, Lisiane de Rosa et al. Sinais clínicos de disfagia em lactentes com bronquiolite viral aguda. Rio Grande do Sul: Elsevier, 2014.

MENEZES, Mariza Muniz de; ANDRADE, Izabella Santos Nogueira de. ALTERAÇÕES FUNCIONAIS DA DEGLUTIÇÃO EM BEBÊS DE RISCO PARA O DDESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR. Fortaleza: Rev. Cefac, 2014.

BURGEMEISTE, Amanda; SEBASTIÃO, Luciana T.. Profissionais de UTI neonatal e alimentação de recém-nascidos com uso do copo. São Paulo: Distúrb Comun, 2013.

GALEGO, Priscila Amanda Ramos; GOMES, Cristiane Faccio. O USO DO COPO NA ALIMENTAÇÃO DE LACTENTES: EXISTE UM MODELO IDEAL? Paraná: Cesumar, 2012.

Moreira CM, Cavalcante-Silva RP, Fujinaga CI, Marson F. Comparison of the finger-feeding *versus* cup feeding methods in the transition from gastric to oral feeding in preterm infants. J Pediatr (Rio J). 2017;93:585-91.

SILVA-MUNHOZ, Lenice de Fatima da; BÜHLER, Karina Elena Bernardis; LIMONGI, Suelly Cecilia Oliven. Comparação entre as avaliações clínica e videofluoroscópica da deglutição em crianças com suspeita de disfagia. São Paulo: Sco, 2014.

Araújo LA, Silva LR. Anthropometric assessment of patients with cerebral palsy: which curves are more appropriate?. J Pediatr (Rio J). 2013;89:307-14.

